

Créditos fotográficos:

As fotografias constantes desta edição foram cedidas por cortesia do autor e de Larry Buttrose, exceto as seguintes:

Fachada de Nava Jeevan: Courtesy ISSA, Soumeta Medhora

Imagens de Google, Google Earth, Image@2013, DigitalGlobe

Mapa das páginas 202-203 – Cortesia de Penguin Australia

FICHA TÉCNICA

Título original: *A Long Way Home*

Autor: *Saroo Brierley*

Copyright © Saroo Brierley, 2013

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Maria de Almeida*

Fotografias da capa: © Getty Images

Design da capa: *Gavin Morris*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, agosto, 2015

Depósito legal n.º 396 899/15

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

Prólogo	11
1 Recordar	15
2 Perder-me	22
3 Sobrevivência	45
4 Salvação	57
5 Uma nova vida	73
6 A viagem da minha mãe	85
7 Crescer	94
8 A busca	108
9 À procura de casa	119
10 O encontro com a minha mãe	134
11 Restabelecer laços	151
12 Estender a mão	162
13 Regressar	173
Epílogo	196
Mapa: A minha viagem pela Índia	202
Agradecimentos	205

PRÓLOGO

Eles desapareceram.

Penso neste dia há vinte e cinco anos. Cresci a meio mundo de distância, com um novo nome e uma nova família, a interrogar-me se alguma vez voltaria a ver a minha mãe, os meus irmãos e a minha irmã. E agora aqui estou, diante de uma porta quase na esquina de um edifício degradado num bairro pobre de uma cidade pequena e poeirenta na região central da Índia — o local onde cresci — e ninguém aqui vive. Está vazio.

A última vez que aqui estive tinha cinco anos.

A porta, cujas dobradiças estão partidas, é muito mais pequena do que me lembrava nas minhas recordações de infância; agora, teria de me curvar para conseguir atravessá-la. Não vale a pena bater. Através da janela, bem como através de algumas fendas na parede de tijolo em decomposição, tão familiar, consigo ver a pequena divisão que a minha família partilhava, com o seu teto que é apenas um pouco mais alto do que a minha cabeça.

Este era o meu maior medo, tão paralisante que o suprimira quase totalmente: que quando finalmente encontrasse a minha casa, após tantos anos de buscas, a minha família não morasse nela.

Pela segunda vez na minha vida, estou perdido e não sei o que fazer. Desta vez, tenho trinta anos, tenho dinheiro no bolso e um bilhete de regresso a casa, mas sinto-me exatamente como me senti naquela plataforma ferroviária há tantos anos: é difícil respirar, a minha mente está a rodopiar e só desejava poder mudar o passado.

Neste momento, abre-se a porta do lado. Uma jovem com vestes vermelhas sai do apartamento contíguo, que está em muito

melhores condições, segurando um bebê nos braços. Está curiosa, o que é compreensível. Tenho aspeto de indiano, mas as minhas roupas ocidentais podem parecer demasiado novas e o meu cabelo tem um corte elegante: sou obviamente um forasteiro, um estrangeiro. Para piorar a situação, não sei falar a língua dela, por isso, quando ela fala comigo, posso apenas supor que me esteja a perguntar o que quero daqui. Quase não recordo nada de hindi e não tenho confiança nenhuma na minha pronúncia quando digo o pouco que sei.

— Não falo hindi — digo. — Falo inglês.

E fico espantado quando ela responde:

— Eu falo inglês, um bocadinho.

Aponto para a divisão abandonada e pronuncio o nome das pessoas que antigamente ali viviam:

— Kamla, Guddu, Kallu, Shekila.

E depois aponto para mim próprio e digo:

— Saroo.

Desta vez, a mulher permanece em silêncio. Depois lembro-me de uma coisa que a minha mãe me deu na Austrália, exatamente para uma situação como esta. Remexo na minha mochila e tiro de lá uma página A4 com fotografias a cores de mim em criança. Mais uma vez, aponto para mim próprio e digo «pequeno», enquanto aponto para o rapaz nas fotografias.

— Saroo.

Tento lembrar-me de quem vivia na porta ao lado quando esta era a minha casa. Haveria alguma rapariguinha que pudesse ser agora esta mulher?

Ela olha fixamente para a página e depois para mim. Não sei bem se me compreendeu, mas, desta vez, fala, num inglês hesitante:

— Pessoas... não vivem aqui... hoje — diz ela.

Embora esteja apenas a confirmar aquilo que sei, ouvi-la dizer aquelas palavras em voz alta é um grande choque. Sinto-me zozzo. Limito-me a ficar ali especado à frente dela, incapaz de me mexer.

Sempre soube que, mesmo que conseguisse encontrar o caminho de regresso até aqui, a minha família podia ter-se mudado.

Mesmo no curto período em que vivi com eles, tinham mudado para aqui vindos de outro local — as pessoas pobres muitas vezes não têm grande escolha relativamente ao sítio onde vivem e a minha mãe costumava ter de aceitar qualquer trabalho que conseguisse encontrar.

Estes são os pensamentos que começam a sair da caixa onde os colocara. A outra possibilidade — de que a minha mãe tenha morrido — enfio-a de novo lá dentro à força.

Aproxima-se um homem que reparara em nós, por isso dou novamente início ao meu mantra, recitando os nomes da minha mãe, Kamla, dos meus irmãos, Guddu e Kallu, da minha irmã, Shekila, e o meu, Saroo. Ele está prestes a dizer alguma coisa quando aparece outro homem e assume o controlo da situação:

— Sim? Em que é que o posso ajudar? — pergunta num inglês claro.

Esta é a primeira pessoa com quem sou capaz de comunicar decentemente desde que cheguei à Índia e a minha história sai-me rapidamente dos lábios: eu vivia aqui quando era rapazinho, saí um dia com o meu irmão e perdi-me, cresci noutra país, não conseguia sequer lembrar-me do nome deste local, mas agora encontrei o caminho de regresso a casa, a Ganesh Talai, para tentar encontrar a minha mãe, os meus irmãos e a minha irmã. Kamla, Guddu, Kallu, Shekila.

Ele parece surpreendido com a história e pronuncio os nomes da minha família mais uma vez.

Alguns instantes depois, ele diz:

— Por favor, não saia daqui. Volto daqui a dois minutos.

A minha mente perde-se num turbilhão de possibilidades — o que terá ele ido buscar? Alguém que possa saber o que lhes aconteceu a eles? Talvez até uma morada? Mas será que ele compreendeu quem eu sou? Não tenho de esperar muito tempo até ele aparecer de novo. E diz as palavras que nunca esquecerei:

— Venha comigo. Vou levá-lo à sua mãe.

RECORDAR

Enquanto crescia, em Hobart, tinha um mapa da Índia na parede do meu quarto. A minha mãe — a minha mãe adotiva — pendurara-o para me ajudar a sentir-me em casa quando cheguei vindo daquele país, com seis anos, para viver com eles, em 1987. Teve de me ensinar o que o mapa representava: eu nunca recebera qualquer instrução escolar e acho que nem sequer sabia o que era um mapa, quanto mais qual a forma da Índia.

A minha mãe decorou a casa com objetos da Índia — havia algumas estatuetas hindus, ornamentos e sinos de latão e muitos elefantezinhos. Naquela altura, não sabia que esses não eram objetos normais num lar australiano. Ela também colocara um tecido com estampado indiano sobre a minha cómoda e um fantoche de madeira vestido com roupas muito coloridas. Todas essas coisas eram-me vagamente familiares, mesmo que nunca tivesse visto nada exatamente igual antes. Outros pais adotivos poderiam ter tomado a decisão de que eu era suficientemente novo para começar a minha vida na Austrália a partir do zero e que poderia ser educado sem muitas referências do país de onde era oriundo. Mas a cor da minha pele seria sempre um indicador das minhas origens e, de qualquer forma, a minha mãe e o meu pai tinham escolhido adotar uma criança indiana por alguma razão.

As centenas de locais referidos no mapa rodopiaram à minha frente durante a minha infância. Muito antes de os conseguir ler, sabia que o enorme V do subcontinente indiano era um local repleto de cidades e aldeias, com desertos e montanhas, rios e florestas — o Ganges, os Himalaias, tigres, deuses! —, e isso começou

a fascinar-me. Costumava olhar para o mapa, perdido no pensamento de que algures entre todos aqueles nomes estava a minha terra, o meu local de nascimento. Sabia que se chamava «Ginestlay», mas não fazia ideia se isso era o nome de uma cidade, de uma aldeia ou de uma localidade, ou até mesmo de uma rua, nem por onde deveria começar à procura desse local no mapa.

Também não sabia ao certo a minha idade. Embora os documentos oficiais mostrassem que eu tinha nascido no dia 22 de maio de 1981, o ano fora calculado pelas autoridades indianas e a data coincidia com o dia em que chegara ao orfanato onde fui acolhido e onde, depois, fora dado para adoção. Sendo um rapaz sem instrução, confuso, não fora capaz de dar grandes explicações relativamente a quem era ou de onde vinha.

Inicialmente, a minha mãe e o meu pai não sabiam como é que eu me perdera. Tudo o que sabiam — tudo o que qualquer pessoa sabia — era que tinha sido apanhado nas ruas de Calcutá — na altura ainda, em inglês, Calcutta e não Kolkata — e que, quando as tentativas de encontrar a minha família se revelaram terem sido em vão, fui colocado num orfanato. Felizmente para todos nós, fui adotado pelos Brierley. Por isso, no início, a minha mãe e o meu pai apontavam para Calcutá no meu mapa e diziam-me que eu tinha vindo daquele local — mas, na verdade, a primeira vez que ouvi o nome daquela cidade foi quando eles o disseram. Só cerca de um ano depois da minha chegada, quando já conseguia comunicar em inglês, é que consegui explicar que não vinha de Calcutá, nem de lá perto — um comboio levava-me para lá desde uma estação perto de «Ginestlay», que podia ter um nome parecido com «Bramapour», «Berampur»... eu não sabia bem. Tudo o que sabia era que ficava muito longe de Calcutá e ninguém fora capaz de me ajudar a encontrar o local.

É claro que, quando aqui cheguei, a ênfase era no futuro, não no passado. Eu estava a ser apresentado a uma nova vida num mundo muito diferente daquele em que nascera e a minha nova mãe e o meu novo pai esforçavam-se muito para enfrentar os desafios que isso acarretava. A minha mãe não se preocupou muito com a minha aprendizagem do inglês imediatamente, porque sabia que

isso iria acontecer através da utilização quotidiana. Em vez de me tentar apressar, ela considerou que era muito mais importante no início confortar-me e cuidar de mim para ganhar a minha confiança. Para isso, não são necessárias palavras. Também conhecia um casal indiano que vivia na vizinhança, a Saleen e o Jacob, e visitávamo-los regularmente para comermos comida indiana com eles. Falavam comigo na minha própria língua, hindi, fazendo perguntas simples e traduzindo instruções e coisas que os meus pais queriam que eu soubesse acerca da nossa vida em conjunto. Tendo sido criado num ambiente muito simples, eu também não falava muito hindi, mas ter alguém que me compreendesse foi uma grande ajuda para me sentir à vontade no meu novo ambiente. Sabíamos que, se os meus pais não conseguissem transmitir-me alguma coisa através de gestos e sorrisos, a Saleen e o Jacob poderiam ajudar-nos, por isso nunca enfrentámos grandes dificuldades nesse sentido.

Como acontece geralmente com as crianças, comecei a usar a minha nova língua muito rapidamente. Porém, no início, falava muito pouco sobre o meu passado na Índia. Os meus pais não me queriam forçar a falar sobre isso até me sentir preparado e, aparentemente, eu não dava grandes sinais de pensar muito na questão. A minha mãe lembra-se de uma altura em que eu tinha sete anos e, do nada, fiquei muito agitado e gritei: «Queci-me!» Mais tarde, ela percebeu que eu estava perturbado porque me tinha esquecido do caminho para a escola que havia perto da minha casa na Índia e que costumava percorrer para ver os alunos. Concordámos que, provavelmente, isso também não seria assim tão importante. Porém, lá bem no fundo, era importante para mim. As minhas memórias eram tudo o que tinha do meu passado e, secretamente, pensava nelas vezes e vezes sem conta, para me tentar certificar de que não me «quecia».

De facto, o passado nunca estava distante da minha mente. À noite, tinha lampejos súbitos de recordações e era-me difícil conseguir acalmar-me para adormecer. Os dias eram normalmente melhores, com muitas atividades para me distrair, mas a minha mente estava sempre ocupada. Por causa disso e da minha deter-

minação em não me esquecer, sempre recordei com muita nitidez as experiências que tivera durante a minha infância na Índia, como se fosse uma imagem quase completa — a minha família, a minha casa e os eventos traumáticos que rodearam a minha separação deles permaneceram frescos na minha mente, por vezes com bastantes pormenores. Algumas dessas memórias eram boas e outras más — mas não conseguia ficar com umas sem as outras e não podia permitir que desaparecessem.

A minha transição para uma vida noutra país e noutra cultura não foi tão difícil quanto seria de esperar, sobretudo porque, comparado com o que tinha vivido na Índia, era óbvio que estava muito melhor na Austrália. É claro que queria encontrar a minha mãe indiana mais do que qualquer outra coisa na minha vida, mas assim que percebi que isso seria impossível, soube que tinha de aproveitar todas as oportunidades que se me apresentassem para sobreviver. Os meus pais foram muito afetuosos logo desde o início, dando-me sempre muito carinho e fazendo-me sentir protegido, seguro, amado e, acima de tudo, *desejado*. Isso significava muito para uma criança que se perdera e que passara pela experiência de sentir que ninguém se preocupava com ela. Senti-me prontamente muito ligado a eles e, em muito pouco tempo, já confiava neles totalmente. Mesmo com seis anos (sempre aceitei 1981 como o ano do meu nascimento), compreendi que me tinha sido concedida uma rara segunda oportunidade. Rapidamente transformei-me no Saroo Brierley.

Agora que me sentia protegido e seguro na minha nova casa em Hobart, pensei que talvez fosse, de alguma forma, errado pensar demasiado no passado — que parte da minha vida nova era manter a velha trancada —, por isso guardei os meus pensamentos noturnos para mim. Fosse como fosse, no início, também não tinha conhecimentos linguísticos para explicar o que sentia. E, até certo ponto, também não me apercebia do quão invulgar era a minha história — incomodava-me, mas pensava que era só daquele tipo de coisas que acontecem às pessoas. Só mais tarde, quando comecei a partilhar as minhas experiências com outras pessoas, é que percebi, através das suas reações, que eram experiências fora do vulgar.